



A armadilha das alucinações

Os riscos e as oportunidades oferecidos pela inteligência artificial na cobertura da imprensa sobre ciência

Um caso constrangedor envolvendo o veterano jornalista belga Peter Vandermeersch ilustrou os perigos associados ao uso indiscriminado de ferramentas de inteligência artificial (IA) na produção de conteúdo jornalístico. Chefe das operações irlandesas do Mediahuis, um dos principais grupos de mídia na Europa, ele foi suspenso de suas funções em março após uma investigação interna constatar que incorporou a seus textos falsas declarações entre aspas atribuídas a especialistas, que foram geradas erroneamente por programas como ChatGPT, Perplexity e Google NotebookLM.

Dezenas de declarações presentes em 15 textos publicados por Vandermeersch não correspondiam a fontes verificáveis e sete fontes citadas nos artigos negaram veementemente ter proferido aquelas palavras. “Existem citações que não podem ser encontra-

das nas publicações das quais Vandermeersch afirma tê-las obtido, como estudos científicos e notícias”, informou o jornal *NRC* (do qual Vandermeersch já foi editor-chefe), responsável pela investigação. O jornalista reconheceu os equívocos e afirmou ter “caído na armadilha das alucinações”, termo usado para descrever erros gerados por IA, ao confiar excessivamente nas ferramentas sem verificar o conteúdo replicado.

“Perdi muitos minutos do meu tempo procurando onde eu poderia ter dito alguma besteira sobre ‘conhecimento imersivo’”, queixou-se Emily Bell, diretora do Centro Tow de Jornalismo Digital da Universidade Columbia, nos Estados Unidos, uma das vítimas das alucinações disseminadas por Vandermeersch. Usando ferramentas de IA do Google, Bell encontrou frases muito semelhantes em um discurso feito por outra pessoa. Seu nome também foi mencionado nesse discurso, mas em outro contexto, o que pode ser a origem da alucinação. O episódio evidencia um paradoxo da IA generativa: a tecnologia é capaz de produzir textos verossímeis, mas não há garantia de que sejam verdadeiros. Isso coloca em xeque princípios fundamentais do jornalismo profissional, como a verificação e a precisão dos fatos transmitidos ao público.

O tema tem sido abordado em estudos que investigam como jornalistas que cobrem assuntos científicos estão lidando com a incorporação da IA em suas rotinas de trabalho. Um artigo publicado em dezembro no *Sage Journals* por seis pesquisadores da área de comunicação, três deles brasileiros (Luisa Massarani e Cleiton Bezerra, da Fundação Oswaldo Cruz, e Luiz Neves, da Universidade Federal de Goiás), evidenciou uma ampla adoção das ferramentas de IA por repórteres especializados em ciência em tarefas corriqueiras, como transcrição de gravações e apoio à escrita. Nas entrevistas com os profissionais de imprensa, também foram relatadas preocupações com a confiabilidade das informações e com a compatibilidade do uso de IA com valores jornalísticos, como responsabilidade e ética. A maioria ainda é cautelosa ao utilizar a tecnologia em tarefas mais sofisticadas, como a análise de dados.

A adoção da inteligência artificial nas redações, segundo a pesquisa, varia entre países. Os autores se debruçaram sobre três deles: Brasil, Índia e Reino Unido. Jornalistas científicos britânicos mostraram certa resistência ao uso avançado das ferramentas, enquanto brasileiros e indianos indicaram ser mais flexíveis. Uma particularidade dos brasileiros é que adotam amplamente as ferramentas para traduzir textos e apoiar a escrita em um segundo idioma. Entre os benefícios propiciados pela IA, os entrevistados destacam o aumento da eficiência e o acesso facilitado à informação, e, entre os perigos, a possibilidade de disseminar desinformação e a eliminação de postos de trabalho, que são cada vez mais escassos no jornalismo, incluindo sua vertente de ciência.

Outro estudo, esse publicado no *Journal of Science Communication* por pesquisadores das universidades de Mainz e Ludwig Maximilian, de Munique, entrevistou 30 jornalistas científicos alemães sobre as perspectivas abertas pelo uso de IA. Os autores tinham interesse em saber se as novas ferramentas poderiam amenizar ou agravar o que se convencionou chamar de “crise do jornalismo científico”, impulsionada pela crescente digitalização dos meios de comunicação, pela perda de anunciantes e pelas mudanças nos hábitos de consumo de notícias do público. Em um fenômeno ambivalente, pesquisadores e divulgadores científicos criaram canais de comunicação direta com os leitores, por meio de blogs e redes sociais, enquanto os jornalistas profissionais foram impactados por demissões e sobrecarga de trabalho. A maioria dos profissionais entrevistados, contudo, disse não se sentir ameaçada e reconhece que sua atividade caminha pra uma integração cada vez maior com a IA.

Já um estudo da *PLOS ONE* realizado por pesquisadores das universidades de Twente, nos Países Baixos, e de Bolonha, na Itália, analisou a qualidade da cobertura da imprensa sobre IA em quatro nações (Bélgica, Itália, Portugal e Espanha), examinando notícias e entrevistando jornalistas científicos. De forma geral, os entrevistados demonstraram preocupação com a situação do jornalismo científico, incluindo a falta de financiamento, que pode afetar a qualidade das reportagens. Segundo o estudo, novas vertentes, como o jornalismo de engajamento, que prevê a participação da audiência na produção da notícia, e o jornalismo de soluções, que busca evidências capazes de resolver problemas sociais, teriam potencial para contribuir ao enfrentamento desses desafios, inclusive nesse momento de transição, com a IA batendo à porta.

Para auxiliar nessa travessia, em 2024 o Centro de Estudos de Ciência, Comunicação e Sociedade da Universidade Pompeu Fabra (SCS-UPF), instituição pública localizada em Barcelona, na Espanha, liderou o desenvolvimento de um guia de ferramentas de inteligência artificial para jornalistas científicos. O manual se divide em três blocos. O primeiro indica plataformas que auxiliam na pesquisa de documentos e imagens, na identificação de pesquisas revisadas por pares, na tradução de textos e na transcrição de áudios. O segundo se detém em recursos para podcasts e o terceiro na organização do fluxo de trabalho. Para selecionar as melhores ferramentas, foi realizado um webinar com profissionais da comunicação científica, que apontaram aquelas que usavam com mais frequência. Todas elas foram testadas em um curso-piloto realizado em Barcelona, para verificar se eram mesmo eficientes e úteis. ● MÔNICA MANIR

Pesquisadores portugueses admitem ter incorrido em desvios éticos que não são considerados graves

Um levantamento realizado com 1.573 cientistas empregados em universidades de Portugal buscou mapear a prevalência no país de formas de má conduta consideradas de gravidade menor, as chamadas práticas questionáveis de pesquisa. O resultado foi contundente: 92% dos entrevistados admitiram ter incorrido nessas práticas pelo menos uma vez e 63% em até quatro vezes.

A maioria dos deslizes relatados estava relacionada à redação de trabalhos científicos, como “incluir autores que não contribuíram suficientemente”, “citar

artigos sem consultar a fonte primária” e “não realizar uma revisão bibliográfica completa”. Também tiveram frequência elevada condutas como “formular hipóteses depois de conhecer os resultados” e “citar publicações apenas porque elas já eram reconhecidas pela comunidade científica”. Entre as menos mencionadas, de acordo com o estudo, estavam “usar a ideia de um pesquisador sem dar crédito” e “não divulgar conflitos de interesse”.

Publicado na revista *PLOS ONE*, o levantamento foi conduzido por Marta Entradas, Feng Yan e Inês Carneiro e Sousa, pesquisadoras do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, no Instituto Universitário de Lisboa, em Portugal. “Fiquei feliz em ver que as pessoas admitiram conscientemente a gravidade de algumas dessas práticas”, disse Entradas à revista *The Scientist*.

A incidência de desvios éticos menos graves foi generalizada: não foram encontradas diferenças significativas no número de faltas relatadas por pesqui-

sadores que atuam em diferentes áreas de pesquisa e entre homens e mulheres. Os autores do estudo observaram, contudo, que pesquisadores mais jovens e mais prolíficos estão mais propensos a se envolver em práticas questionáveis, mas também são os que mais admitem isso. Entradas acredita que contratos temporários de trabalho e a pressão exercida pela lógica de “publicar ou perecer” possam estar contribuindo para esse cenário e são necessários códigos de conduta claros para definir o que chamou de “zonas cinzentas” na integridade científica.

A epidemiologista Gowri Gopalakrishna, da Universidade de Maastricht, nos Países Baixos, que em 2021 fez um estudo semelhante sobre a incidência de má conduta entre cientistas holandeses, disse à *The Scientist* que ficou surpresa com o reconhecimento tão elevado de algumas práticas questionáveis e com a sinceridade dos cientistas portugueses. “Por outro lado, não fico surpresa, porque as práticas questionáveis de pesquisa são comuns.”

“Frases torturadas” e imagens reutilizadas expõem problemas de integridade científica e falhas na revisão

As chamadas “frases torturadas” são expressões estranhas ou semanticamente sem nexo que aparecem em artigos científicos visando burlar softwares que detectam plágio. No seu blog Science Integrity Digest, a microbiologista e especialista em integridade científica Elisabeth Bik pinçou exemplos de “frases torturadas” em um artigo publicado na revista *Advances in Environmental Biology* em 2019.

Assinado por quatro cientistas, dois da Arábia Saudita e dois do Egito, o artigo trazia, já no resumo, um texto rebuscado e repetitivo para tentar explicar a importância de estudar microrganismos presentes nas mamas das fêmeas de ca-

melos a fim de evitar a contaminação do leite do animal. Algumas frases estavam completamente truncadas, como a que mencionava “definição e definição de micróbios no camelo do camelo”, o que despertou a atenção de Bik.

“O artigo substitui sistematicamente termos comuns de microbiologia por sinônimos e paráfrases bizarras”, escreveu a microbiologista. A palavra *cell* (célula) foi erroneamente apresentada como *cubicle* (cubículo ou cela). *Ecological niches* (nichos ecológicos) se converteram em *biological specialties* (especialidades biológicas), enquanto *virulence factors* (fatores de virulência) se transformaram em *destructiveness parts* (algo como partes destrutivas). Bik descobriu que a fonte provável do texto “torturado” era uma tese de 2017 assinada pelo português Alexandre Almeida, na Universidade de Paris VI, na França. A má conduta não se restringia ao plágio da tese. Fotos atribuídas a células das mamas de camelos foram reaproveitadas de um estudo saudita e não se referiam a mamas, e sim a células infectadas do coração e da língua de um dromedário.

CONTEÚDO EXTRA

Conhece a nossa newsletter de integridade científica?



Acesse o QR Code para assinar nossas newsletters

